

# OS ESTADOS UNIDOS, A AMÉRICA LATINA E O MUNDO DO SÉCULO XXI: FORJANDO UM NOVO ESPAÇO GEOPOLÍTICO

Severino Cabral<sup>1</sup>

A fim de aumentar a eficiência, seja na vida pessoal ou corporativa, temos de reconhecer as necessidades coincidentes de escolher o longo prazo e de nos confirmar-mos ao curto. (Mahan 1990)

Las dos Americas, las dos razas, los dos espíritus frente a frente y en pugna constante, dentro de un mundo nuevo: tal es la vida internacional americana. Al norte, uma Republica industrial, poderosa, rica, pletorica y em pleno triunfo internacional; al sur, veinte estados em formación, retardatários, desiguales, y turbulentos, agotados por la anarquia y minados por la discórdia. (Malagrida 1919)

Em torno do Mediterrâneo americano e dentro do continente para o mundo da América Latina. Se a palavra “América” sugere similaridade, a palavra “Latina” deve sublinhar a diferença. A outra América é esperada para ser de alguma forma vivida como a nossa própria, porque é uma parte deste hemisfério, mas as diferenças reais entre os anglo-saxões e as seções latinas do Novo Mundo superam as semelhanças sugeridas pelo termo comum americana. (Spykman 1942)

(...) o Brasil está abrindo a Amazónia, com a sua estrada de milhares de quilómetros que o atravessará de lés a lés e ligará o Atlântico ao Pacífico e rasgará as suas fronteiras com as Guianas, a Venezuela, a Colômbia, o Peru e a Bolívia, pondo pela primeira vez a possibilidade de realização daquela Panibéria que andou, ao que parece, nos sonhos de Alexandre de

---

<sup>1</sup> Doutor em Sociologia pela Universidade de São Paulo (USP). Diretor-Presidente e professor-pesquisador do Instituto Brasileiro de Estudos de China Asia-Pacífico (IBECAP). Email: sbcabral@uol.com.br

Gusmão(...). (Silva 2009)

Devemos aproveitar a oportunidade para desenvolver-nos; e a chave está no desenvolvimento econômico. (Xiaoping 1994)

Atualmente, o povo chinês está lutando por concretizar o sonho chinês do grande rejuvenescimento da nação chinesa, enquanto os povos da América Latina e Caribe também estão se esforçando pela materialização do sonho latino-americano e caribenho, que é união, colaboração, desenvolvimento e revitalização. Espero que os nossos sonhos adicionem brilho e força um ao outro e se concretizem juntos. (Jinping 2014b)

## A Relação Estados Unidos e Cuba e a Conjuntura Internacional Pós-Guerra Fria

Ao findar o ano de 2014, o mundo foi surpreendido pelo anúncio do restabelecimento de relações entre os Estados Unidos da América e Cuba e da abertura do diálogo entre os presidentes Raul Castro e Barack Obama. Um acontecimento histórico e portador de futuro pelo que sinaliza para os dois países, para toda América Latina e para o mundo da segunda década do século XXI.

Desde o início da década de sessenta que o advento da revolução cubana, liderada pelos irmãos Castro e por Che Guevara, fez com que Cuba e EUA viessem a interromper suas relações e protagonizassem uma das mais graves confrontações da Guerra Fria: em 1962, a séria crise provocada pelos foguetes instalados em Cuba, levou a URSS e os EUA à beira da guerra nuclear.

O conflito entre Cuba e Estados Unidos se inseriu no duplo contexto dos eixos Leste-Oeste e Norte-Sul, pois, a revolução cubana, ao proclamar-se socialista, havia se introduzido no interior do confronto entre os dois sistemas políticos e ideológicos que dividiam a cena internacional: o sistema socialista, liderado pela União das Repúblicas Socialistas Soviéticas e o sistema capitalista, liderado mundialmente pelos Estados Unidos da América. Mas, por outro lado, o fato de Cuba pertencer ao conjunto dos países latino-americanos a inseriu necessariamente no campo dos países em desenvolvimento, ela que já havia sido uma das fundadoras do movimento dos países não alinhados. Essa tríplice inserção fez de Cuba, portanto, uma peça importante do jogo político internacional ao longo de toda a Guerra Fria.

O fator cubano e sua revolução influenciaram o desenvolvimento político da América Latina desde então. A Conferência da Organização dos Estados Americanos (OEA), realizada em Punta del Este, em janeiro de 1962,

por convocação expressa do governo norte-americano, teve como resultado o afastamento de Cuba do sistema interamericano. É de notar como significativo o fato de que os três maiores países da região latino-americana (Argentina, Brasil e México) se abstiveram ou, no caso do México, se opuseram à medida de exclusão radical de um país membro da comunidade ibérica de nações (no caso, Cuba) por conta do regime marxista-leninista cubano haver sido considerado oposto ao regime democrático liberal predominante.

Congelada por longo tempo, a questão cubana começou a mudar quando da Cúpula dos Chefes de Estado dos Países Ibéricos em Guadalajara/México, em 1982, que contou com a participação de Espanha e Portugal, e onde Cuba voltou a se inserir no conjunto de países latino-americanos. Com o fim da Guerra Fria esperava-se solução para a situação cubana com o fim do bloqueio e sua reentrada na comunidade latino-americana, mas tal não se deu: a continuidade da política de segregação de Cuba dos demais países da região tornou-se um motivo de fricção entre o bloco latino e os norte-americanos.

## **Antecedentes Históricos da Relação dos Estados Unidos com os Estados Latino-Americanos**

A relação dos países da América Latina com os Estados Unidos da América tem uma já longa história que data dos começos da colonização e povoamento do Novo Mundo.

O sucesso da “Reconquista” dos reinos cristãos da península ibérica deu lugar à formação dos dois reinos de Espanha e Portugal. E eles iniciaram o ciclo das navegações e dos descobrimentos. A partir da viagem de Colombo se inaugura a história do hemisfério ocidental. História que será protagonizada em seu começo por Espanha e Portugal, tendo como marco o Tratado de Tordesilhas. Esse acordo, que sucedeu a bula papal *Inter Cetera*, dividiu o mundo no sentido Norte e Sul, em duas metades, cabendo à Espanha quase a totalidade das terras do Novo Mundo e a Portugal o domínio do Atlântico e do Índico. O começo da ocupação das terras do Novo Mundo se dá por volta de 1500, na esteira das grandes navegações que abriram as rotas oceânicas do mundo com o contorno do Cabo ao sul da África por Vasco da Gama, e a chegada às Índias pelos portugueses; enquanto, sob a bandeira hispânica, Fernão de Magalhães encetava a circunavegação pelo extremo sul da América.

Logo que foram ocupadas, as novas terras da América despertaram a cobiça e o interesse de Inglaterra e França, que passaram a disputar com Espanha e Portugal as riquezas do Novo Mundo. Mais adiante, as Províncias Uni-

das se separariam do Império Espanhol e a Holanda entraria também a lutar pela posse desse território e suas imensas riquezas. Já no segundo século de existência da colonização das novas terras, veio a se firmar, ao norte das Américas, a presença inglesa: com os puritanos da Nova Inglaterra e as colônias de Carta do Sul do subcontinente norte-americano. Com este acontecimento se inicia a ocupação do hemisfério ocidental, bem como a sua verdadeira divisão em três partes: a América Hispânica, a América Portuguesa e a América Inglesa (Travassos 1947).

As revoluções inglesa, norte-americana e francesa deram fim ao mundo feudal e criaram condições de emergência de uma nova sociedade urbano-industrial, baseada na ciência moderna e no maquinismo. O impacto gerado pela revolução na economia repercutiu na redistribuição de poder nessas sociedades e decretou o fim da monarquia absoluta, ao introduzir a forma liberal – dominante nos países que se industrializaram. As revoluções alteraram também o sistema de poder gerado por Tordesilhas, criando, em substituição a ele, outro, baseado na concentração e centralização pelas potências europeias do chamado “Euromundo”. A extensão da revolução urbana e industrial se expande para o Novo Mundo com as independências das antigas colônias (transmutadas em Repúblicas) seguindo o modelo norte-americano, com a única exceção do Brasil que, elevado a Reino Unido de Portugal e Algarves, manteve durante quase todo o século dezanove a forma monárquica de governo.

Ao longo do século dezanove, o processo de industrialização desencadeado pela Inglaterra, que se baseia pela primeira vez na história na preponderância do maquinismo sobre a força do homem ou do animal, fez com que a produtividade do trabalho se elevasse, tornando o comércio da manufatura a forma mais elevada da criação da riqueza. Esse processo se concentrou na Inglaterra; logo, a colônia inglesa da América, tornada independente da metrópole, iniciaria o ciclo de construção industrial daquela que seria a maior potência do século XX.

Ao final do *Ottocento* as antigas colônias europeias da América eram politicamente independentes, mas subordinadas economicamente aos mecanismos financeiros e tecnológicos criados pelos países industrializados. Puderam escapar ao destino dos países africanos e asiáticos de serem colônias das potências europeias, mas não puderam escapar da dependência aos capitais e às técnicas dos países que se preparavam para entrar na sua segunda grande revolução. Por isso que, ao final do século dezanove, a concertação político-estratégica entre os países latino-americanos se desenvolveu na resposta ao desafio de confrontar o seu nível de desenvolvimento industrial com a grande potência norte-americana. Situação que se vê agravada pelo fato de que os

Estados Unidos fazem a guerra contra a Espanha, se apoderam do Caribe, e o transformam no seu Mediterrâneo. Inaugurando, assim, ao início do século vinte, sua nova posição no mundo: como grande potência, capaz de intervir na Europa, África, Ásia, tanto quanto no hemisfério ocidental.

## Hoje e Amanhã na Relação dos Estados Unidos com Cuba e América Latina

A surpreendente reaproximação entre Cuba e Estados Unidos, após meses de conversações secretas que mobilizaram até mesmo o Papa Francisco, produziu forte impacto na opinião pública mundial e trouxe a expectativa de que um dos resquícios da Guerra Fria finalmente sofresse solução de continuidade, e a chamada “Pérola do Caribe” retornasse ao convívio da comunidade latino-americana e se reintegrasse à estrutura do sistema interamericano.

Em toda a região latino-americana a repercussão positiva foi, porém, moderada, por certa desconfiança quanto à real natureza da nova política norte-americana para Cuba. Para muitos analistas e observadores, a nova posição do governo norte-americano deve ser situada no âmbito da grande estratégia anunciada desde a época da candidatura presidencial do então Senador Barack Obama, como sendo uma “New Strategy for a New World”. À época (15 de julho de 2008), assim definia Obama os objetivos a serem perseguidos por sua futura presidência:

Como presidente, vou prosseguir uma estratégia de segurança nacional forte, inteligente e com princípios - que reconhece que temos interesses não apenas em Bagdá, mas em Kandahar e Karachi, em Tóquio e Londres, em Pequim e Berlim. Vou me concentrar esta estratégia em cinco metas essenciais para tornar a América mais segura: o fim da guerra no Iraque de forma responsável; terminar a luta contra a Al Qaeda e os talibãs; garantir a segurança de todos materiais e as armas nucleares de terroristas e rogue states; alcançar a verdadeira segurança energética; e reconstruir nossas alianças para enfrentar os desafios do século XXI. (Obama 2008)

Como preconizava estabelecer um novo paradigma para lidar com a dependência energética, o futuro presidente Obama acenava com 150 bilhões de dólares para por fim ao que chamou de a tirania do petróleo em nosso tempo. Nas suas palavras:

Uma das armas mais perigosas do mundo de hoje é o preço do petróleo. Nós enviamos cerca de US \$ 700 milhões ao dia para nações instáveis ou

hostis em troca de seu petróleo. Ele paga para bombas terroristas saírem de Bagdá e Beirute. Financia petro-diplomacia em Caracas e madrassas radicais de Carachi a Cartum. Ele tira poder de manobra da América e o desloca para ditadores. (Obama 2008)

Quanto a estabelecer novas alianças para enfrentar os desafios do século XXI, Obama apresentava pouco mais do que a renovação do acordo de cooperação com a Europa e o reforço de sua parceria com Japão, Coréia do Sul, Austrália e Índia. De certo modo a sua proposta não colidia de todo com a estratégia esboçada pela senhora Condoleezza Rice para o segundo mandato de George Bush Jr., de uma diplomacia inovadora, com vistas a gerar um quadro de poder mundial que incluísse os novos países emergentes da cena internacional (Kissinger 2011 e 2014).

No entanto, ao caminhar hoje para o final do segundo mandato, o Presidente Obama encontra-se preso às dificuldades internas da política doméstica, com um Congresso de maioria republicana hostil ao seu governo democrata. Nessa situação em que o seu governo continua limitado aos problemas do mercado mundial do combustível fóssil e o das energias renováveis, como também muito longe de estabilizar o Médio Oriente, Obama tem se voltado para a região latino-americana, tendo promovido a criação da Aliança do Pacífico envolvendo México, Colômbia, Peru e Chile. Com essa manobra, que complementa a Parceria Trans-Pacífico (*Trans-Pacific Partnership – TPP*), os Estados Unidos pensam conter uma influência chinesa no hemisfério ocidental. Para tal, introduzem-se entre os países latino-americanos e caribenhos, sobretudo no subcontinente sul-americano, onde enfrentam resistências, em maior ou menor grau, do Brasil, da Argentina e da Venezuela.

O efeito pretendido com essa dupla manobra parece ser o de gerar um novo cenário e traçar novas estratégias para a manutenção da presença e da liderança norte-americana no hemisfério ocidental. Na verdade, o efeito real buscado por essa manobra se opõe, ou se contrapõe, aos vários organismos coletivos construídos recentemente pelos países latino-americanos como Mercado Comum do Sul (MERCOSUL), União das Nações Sul-Americanas (UNASUL) e Comunidade dos Estados Latino-Americanos e do Caribe (CELAC).

Para os que analisam a situação não é nada fácil romper a blindagem que se construiu em torno dessa questão chave do desenvolvimento da América Latina e Caribe. Esse desenvolvimento, no entanto, é vital para o sucesso da região e também da economia mundial assolada pela vasta crise financeira iniciada em 2008 e que se encontra ainda em curso, limitando o comércio e constringendo as economias tanto dos países industrializados como dos paí-

ses em desenvolvimento (Cabral 2004).

A questão cubana se insere, portanto, neste movimento mais geral de integração regional e de cooperação entre os países da América Central e do Sul. Nela se encontram o México, a Venezuela, gigantes petrolíferos e, mais ao Sul, o Brasil, que vem de se tornar um mega poder energético graças à descoberta de imensas jazidas de petróleo e gás na sua plataforma continental na zona do chamado “Pré-Sal”. Claramente, ao observador estratégico, se ergue um polo meridional de poder ao sul dos Estados Unidos da América com significativa projeção de crescimento ao longo das próximas décadas.

É nesse contexto que se pode compreender o esforço do governo norte-americano para dar início a uma nova fase do relacionamento com a América Latina e Caribe. Depois da era do “speak softly and carry a big stick” de Theodore Roosevelt e da “política de boa vizinhança” de Franklin Roosevelt, tivemos a confrontação Leste-Oeste representada por Cuba e as guerrilhas em toda América Latina enfrentando os exércitos e as forças especiais dos regimes latino-americanos. Essa era culmina com a dissolução da URSS, que deu fim ao quase meio século de conflito Leste-Oeste.

O fim da Guerra Fria, porém, não eliminou a política de poder nem o diferencial, em termos de poder nacional, existente entre países grandes e pequenos no interior do sistema internacional. A realidade do poder mundial desde sempre privilegia as grandes potências em relação ao exercício da autonomia e da soberania. O dado geoestratégico relevante no mundo global é que a distribuição do poder – seja ele econômico, científico, técnico e/ou político-estratégico – sofre hoje um deslocamento maior do que no passado e praticamente redesenha o mapa do poder mundial. E o fato assinalável é o da emergência na franja meridional do planeta de nova sede do poder global. Neste contexto pode-se perceber *in crescendo*, nas duas faces do planeta, importantes modificações de espaço e posicionamento (Brzezinski 1997, 2004, 2007 e 2012; Huntington 1996; Gruzinski 2004).

Na face asiática, de influência estrutural do mundo síncico e indo-persa, começou a ser construído o “Silk Road Economic Belt” e a “21st Century Maritime Silk Road”. São dois esteios que deverão sustentar a economia global pelos próximos decênios. Mas, do outro lado do hemisfério ocidental, a integração da América do Sul com o cone austral africano – interligando o Pacífico ao Atlântico Sul e ao Índico e assim formando o “Grande Oceano” – quando ocorrer estabelecerá novo patamar de elevação do comércio e das finanças globais (Jinping 2014 and 2014b).

Neste novo conjunto que se projeta para os próximos anos e décadas, o observador nutrido de informação histórica pode e deve concluir que uma emergência estrutural está a se constituir, a partir do retorno, por via do pro-

cesso da globalização, ao mundo Ibérico, o qual reuniu a rota ocidental do Índico e do Pacífico, sob a dual monarquia de Felipe II, Rei de Espanha, que era também Felipe I, Rei de Portugal.

Essa a razão por que há um retorno aos estudos da Geopolítica e da Geoestratégia clássicas. Elas formam um conjunto de disciplinas teórico-práticas de grande relevância para a compreensão do sistema de poder mundial hoje. Num clássico texto da Geopolítica, de autoria de Sir Halford Mackinder, “The Round World and the Winning of the Peace”, publicado durante o desenrolar da Segunda Guerra, na revista *Foreign Affairs* (July 1943), por exemplo, encontra-se uma particular proposta conceitual de uma nova ordem mundial multipolar:

O quarto dos meus conceitos abraça em ambos os lados do Atlântico Sul, as chuvosas florestas tropicais da América do Sul e África. Se estes foram subjugados à agricultura e habitados com a presente densidade de Java tropical, eles podem sustentar mil milhões de pessoas, sempre, desde que a medicina tenha tornado os trópicos tão produtivos de energia humana como as zonas temperadas. Em quinto lugar, e, por último, mil milhões de pessoas da antiga civilização oriental habitam as terras de monção da Índia e da China. Eles devem crescer em prosperidade semelhante aos anos em que a Alemanha e o Japão foram trazidos de volta à civilização. Eles, então, equilibrarão essas outras mil milhões que vivem entre o Missouri e o Yensei. Um globo equilibrada de seres humanos. E feliz, porque equilibrado e, portanto, livre. (Mackinder 1943)

Esta plataforma geopolítica de uma ordem global delineada por Mackinder, antes mesmo do final da Segunda Guerra, na qual novos poderes emergem, abaixo da linha equatorial, desempenha ainda hoje em dia um papel decisivo, exponencial, na luta pelo domínio do chamado mercado mundial. A analisá-la, no detalhe, não se pode deixar de pensar que as especulações sobre a realidade do poder no mundo, tanto marítimo quanto terrestre – que absorveu as mentes de Alfred Mahan, Halford Mackinder e Nicholas Spykman (principais construtores da geopolítica anglo-americana) – estavam solidamente fincadas na estrutura das rotas oceânicas do planeta abertas pelos descobridores ibéricos no começo dos tempos modernos (Mahan 1990; Mackinder 1943 e 2000; Spykman 1944).

Essa é a razão pela qual a estratégia da liderança norte-americana de controle do Pacífico e do hemisfério ocidental – “Aliança do Pacífico” e a “Parceria Trans-Pacífico” – seja construída na perspectiva de responder ao processo de integração sul-americano e latino-americano. Nela se inscreve, precisamente, a manobra de recuperação do Mediterrâneo americano, no qual a

famosa ilha do Caribe tem uma posição estratégica.

No momento, pois, em que o extraordinário desenvolvimento da China põe em questão o controle monopolista do comércio mundial exercido pelos “contestadores de Tordesilhas”, parece claro que o advento de um novo “protagonismo” por parte dos descendentes dos “herdeiros de Tordesilhas” – os filhos luso-hispânicos da Ibéria ensolarada – venha a ser visto, preemptivamente, como ameaça à hegemonia do poder global norte-americano (Costa 2005).

Pode-se concluir o exame da situação da reaproximação dos Estados Unidos com Cuba com a percepção de que o problema cubano não é uma questão de interesse bilateral, ou que afete apenas a comunidade centro-americana, mas sim de toda a América – e de todo o mundo.

## Considerações Finais

A “questão cubana”, essencialmente compreendida a sua inserção na problemática da Latino-América (sua relação geopolítica, geohistórica e geoestratégica com a Anglo-América), nos propõe o exercício de uma análise da conjuntura internacional a partir da emergência dos novos centros de poder mundial e da construção de uma nova ordem mundial do século XXI.

Ao estudar a lógica estrutural básica do sistema internacional contemporâneo – seus mecanismos, dispositivos e móveis – podemos detectar o que chamamos de “determinantes” dos complexos processos em curso, que dão forma ao sistema mundial de poder. São os seguintes, com seus delineamentos essenciais:

O primeiro deles aponta para uma época nova da economia mundial, a era da “globalização”, que está remodelando todo o sistema e gerando grandes estruturas políticas capazes de sobreviver ao desafio do presente e construir o futuro: os “megaestados”. São poucas as unidades políticas ativas que detêm espaço territorial, estoque populacional e recursos naturais para pretender ocupar essa posição. Por isso os processos de integração em curso no mundo estão a criar novos gigantes, dos quais o mais expressivo é a criação da União Europeia. Mas talvez o mais significativo para a ordem mundial em gestação no século XXI seja realmente a integração sul-americana. Tendo como área nuclear o Brasil, a integração sul-americana se aproxima do cone austral africano, antecipando o que será no futuro o polo meridional do poder global (Cabral 2004 e 2013).

O segundo determinante torna progressivamente aparente uma nova ordem mundial multipolar que se constrói no próprio movimento de criação

do mundo dos megaestados do século XXI (Maisonneuve 2005). A ordem multipolar, portanto, se criará a partir da emergência de novos centros de poder mundial. A irrupção desses novos centros se apresenta hoje, sobretudo, na construção de novos institutos de poder financeiro, científico e técnico. A mais consistente e sintomática forma dessa nova fase do mundo global tem nos BRICS sua manifestação maior.

A terceira e visível determinação do processo em curso da globalização resulta do processo de modernização e inserção da China no sistema econômico mundial. Sistema que foi criado pela revolução industrial e urbana baseada na ciência e na tecnologia, e universalizado a partir do século dezanove, quando unificou o mercado e o sistema financeiro mundial sob a tutela anglo-americana. A China, por seu tamanho, “escala” e grau de produtividade alcançada, tornou-se o gigante da nova época, e seu entorno geográfico (Ásia-Pacífico) é hoje o centro de gravidade de toda economia global (Kissinger 2011 e 2014).

O quarto determinante é a onda que o mundo assiste desde meados do século passado com a ressurgência e insurgência do mundo islâmico arábico, Indo-Persa e Turco. Um fenômeno global, em si mesmo um fator relevante da cena internacional do começo do terceiro milênio, mas também um dos desafios principais no caminho da construção da ordem mundial multipolar do século XXI (Murawiec 2000, 2002, 2003 e 2008).

O quinto e já referido determinante é a emergência do mundo latino – tendo o Brasil como Estado central, por seu tamanho e peso estrutural – que reunirá toda a América do Sul, mais o cone austral da África, e se situará como futuro megaestado e uma sede meridional de poder global. Trata-se da recriação da União Ibérica sobre novas bases, configurando verdadeira “Panregião”, genialmente descrita por Agostinho da Silva (2009) como uma “Panibéria”. Levando em conta tais questões se pode antecipar que Cuba e a região do Caribe serão certamente um ponto de fricção entre a comunidade latino-americana e os seus vizinhos do norte até que as imensas transformações em curso na economia e na política mundial venham a determinar uma nova ordem mundial multipolar - quiçá! - capaz de absorver os choques de uma antiga e sempre renovada rivalidade entre as duas Américas.

## REFERÊNCIAS

- Brzezinski, Zbigniew. 1997. *The Grand Chessboard: American Primacy and its Geostrategic Imperatives*. New York: Basic Books.
- \_\_\_\_\_. 2004. *The Choice: Global Domination or Global Leadership*. New York:

- Basic Books.
- \_\_\_\_\_. 2007. *Second Chance: Three Presidents and the Crisis of American Superpower*. New York: Basic Books.
- \_\_\_\_\_. 2012. *Strategic Vision: America and the Crisis of Global Power*. New York: Basic Books.
- Cabral, Severino. 2004. *Brasil megaestado: uma nova ordem mundial multipolar*. Rio de Janeiro: Faperj/Contraponto.
- \_\_\_\_\_. 2013. *China: uma visão brasileira*. Macau: IIM/IBECAP.
- Costa, Darc. 2005. *Estrategia nacional: La cooperación Sudamericana como camino para la inserción internacional de la región*. Buenos Aires: Prometeo Libros.
- Gruzinski, Serge. 2004. *Les quatre parties du monde: histoire d'une mondialisation*. Paris: Editions de La Martinière.
- Huntington, Samuel. 1996. *The Clash of Civilizations and the Remaking of World Order*. New York: Simon & Shuster.
- Jinping, Xi. 2014. *A Governança da China*. Beijing: Edições em Línguas Estrangeiras.
- \_\_\_\_\_. 2014b. "Criar uma comunidade de destino comum para avançar juntos." Discurso endereçado aos chefes de Estado e Governo da CELAC – Comunidade dos Estados Latino Americanos e do Caribe em Brasília (DF) em 17 de julho.
- Kissinger, Henry. 2011. *On China*. London: Allen Lane.
- \_\_\_\_\_. 2014. *World Order*. New York: Penguin Press
- Mackinder, Halford. 2000. *Democratic Ideals and reality: a Study in the Politics of Reconstruction (and others essays)*. Washington, D.C.: National Defense University Press.
- \_\_\_\_\_. 1943. "The Round World and the Winning of the Peace." *Foreign Affairs* July 1943.
- Mahan, Alfred Thayer. 1900. *The Problem of Asia: its effect upon international politics*. Boston: Little & Brown, Cia.
- Maisonneuve, Eric de La. 2005. *Stratégie, crise et chaos*. Paris: Economica.
- Malagrida, Carlo Badia. 1919. *El Factor Geografico en la Política Sudamericana*. Madrid: Real Academia de Jurisprudencia y Legislación.
- Murawiec, Laurent. 2000. *La guerre au XXIe siècle*. Paris: Odile Jacob.
- \_\_\_\_\_. 2002. *L'Esprit des Nations: cultures et géopolitique*. Paris: Odile Jacob.
- \_\_\_\_\_. 2003. *La guerre d'après*. Paris: Albin Michel.

- \_\_\_\_\_. 2008. *The Mind of Jihad*. New York: Cambridge University Press.
- Obama, Barack. 2008. "Obama's Remarks on Iraq and Afghanistan." *New York Times*, 15 de julho.
- Silva, Agostinho da. 2009. *Comunidade Luso-Brasileira e outros ensaios (Organização e prefácio de Henryk Siewierski)*. Brasília: FUNAG.
- Spykman, Nicholas John. 1942. *America's Strategy in World Politics: The United States and the Balance of Power*. New York: Harcourt Brace & World.
- \_\_\_\_\_. 1944. *The Geography of the Peace*. New York: Harcourt Brace & World.
- Travassos, Mario. 1947. *Projeção Continental do Brasil*. São Paulo: Cia. Editora Nacional (Brasileira).
- Xiaoping, Deng. 1994. *Textos Escogidos Tomo III*. Beijing: Ediciones en Lenguas Extranjeras.

## RESUMO

O artigo visa analisar a relações dos Estados Unidos e Cuba considerando a conjuntura internacional pós-Guerra Fria, caracterizada pela ascensão da ordem multipolar, pela maior inserção chinesa e pela emergência do mundo latino e outros agentes regionais relevantes em uma época nova da economia mundial.

## PALAVRAS-CHAVE

América Latina; Pós Guerra Fria; Estados Unidos da América.

*Recebido em 27 de agosto de 2015.  
Aprovado em 03 de fevereiro de 2016.*